



BOLETIM ECONÔMICO NUPE - UNIFOR

Vol. 5, N. 3, agosto/2024



Universidade
de Fortaleza



NÚCLEO DE PESQUISAS ECONÔMICAS

BOLETIM ECONÔMICO NUPE - UNIFOR

Vol. 5, N. 3, agosto/2024

Reitoria

Reitor Randal Martins Pompeu

Vice-reitoria de Graduação

Vice-reitora Maria Clara Cavalcante Bugarim

Diretora do Centro de Ciências da Comunicação e Gestão - CCG UNIFOR

Profa. Danielle Batista Coimbra

RESPONSÁVEIS TÉCNICOS

Prof. Felipe Albuquerque Sobral e Silva

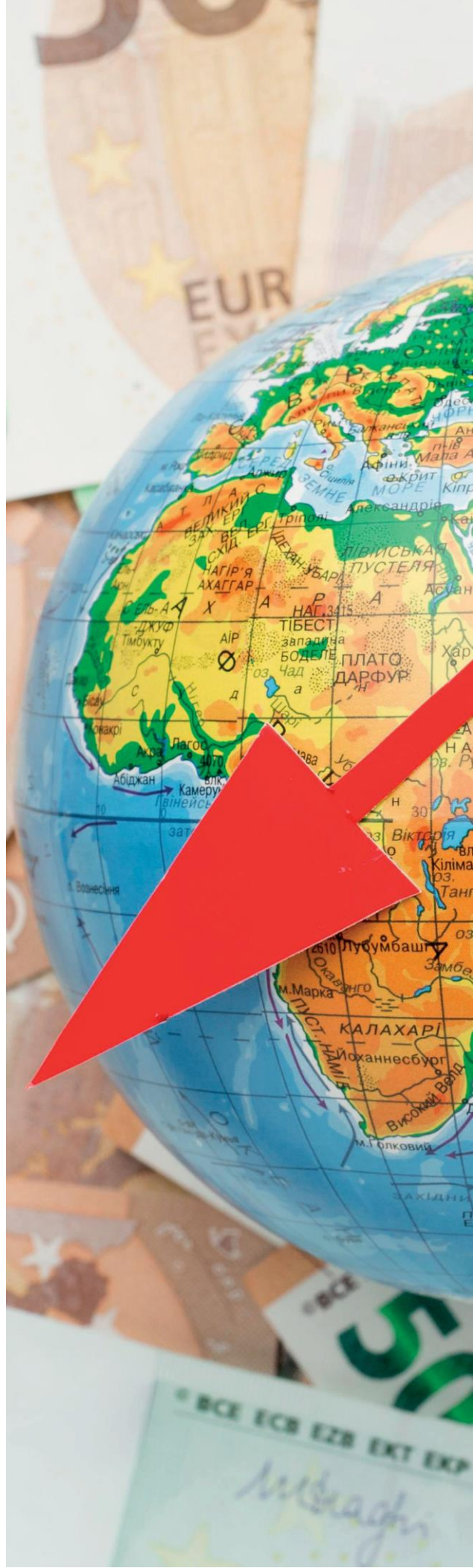
Coordenador Curso de Economia UNIFOR

Prof. Allisson David de Oliveira Martins

Coordenador do Núcleo de Pesquisas Econômicas -
NUPE

Prof. Nicolino Trompieri Neto

Curso de Economia UNIFOR / Professor



APRESENTAÇÃO

A Universidade de Fortaleza - Unifor, na sua missão de “contribuir para o desenvolvimento humano por meio da formação de profissionais de excelência e da produção do conhecimento”, reconhecida entre as melhores instituições de ensino superior do mundo, avança mais uma etapa, na seara de estudos econômicos, ao estruturar documento econômico fundamentado em bases científicas sólidas e robustas.

O Núcleo de Pesquisas Econômicas – Nupe, vinculado ao curso de Ciências Econômicas da Universidade de Fortaleza, tem a satisfação de apresentar à sociedade cearense mais um número do Boletim Econômico, publicação que analisa o desempenho das economias, no mundo e brasileira, e em especial do Ceará. O Boletim Econômico Nupe é elaborado pelos alunos da disciplina Técnicas em Pesquisas Econômicas, com a orientação e supervisão dos professores do Núcleo de Pesquisas Econômicas - Nupe. Nosso boletim oferece à sociedade cearense, por meio de uma linguagem simples e acessível, informações que contribuem para um maior entendimento da situação presente e das perspectivas da economia para os próximos anos, e, dessa forma, colabora para a formação de uma sociedade reflexiva e de senso crítico, capaz de promover as transformações econômicas e sociais necessárias para a tão almejada arrancada do processo de desenvolvimento econômico do nosso País.

Essa 45ª edição do Boletim Econômico inicia com o artigo de opinião assinado por Felipe Augusto Lima Teixeira, graduado em Economia pela Universidade de Fortaleza, intitulado “**A Educação Financeira e o Endividamento no Brasil**”. Na sequência da presente edição, o leitor encontrará: um panorama sobre a economia internacional; o resultado das atividades econômicas do Brasil, Nordeste e Ceará, detalhado por setores de produção da economia; a performance do mercado de trabalho; e a balança de comércio exterior do Ceará, Nordeste e Brasil.

Boa Leitura!

OPINIÃO:

A EDUCAÇÃO FINANCEIRA E O ENDIVIDAMENTO NO BRASIL

Felipe Augusto Lima Teixeira *

Segundo dados do Serasa (2023), no Brasil, em dezembro de 2023, 43,35% da população adulta encontrava-se endividada, em situação de inadimplência, isto é, possuía dívidas por atrasos de diversos tipos de pagamentos (empréstimos bancários, parcelamento de cartão de crédito, contas de serviços como água, luz e telefone, etc). Nos últimos anos no Brasil, o endividamento familiar vem se tornando uma preocupação crescente, dado que o endividamento das famílias em alto grau compromete os níveis de consumo e poupança que são necessários para o crescimento sustentável do Produto Interno Bruto (PIB). A política pública do Governo Federal implementada a partir de julho de 2023, intitulada “Desenrola”, é um exemplo de atuação governamental para um problema que tornou-se preocupante para a economia, porém é uma medida transitória que não soluciona o problema permanentemente, dado que a solução eficiente está na mudança comportamental das famílias, portanto, compreender os princípios básicos de gestão de finanças pessoais por meio da educação financeira torna-se o melhor caminho, dado que os indivíduos aprendem a planejar seus gastos, economizar para o futuro e tomar decisões de investimento com mais informações, evitando as armadilhas do crédito fácil e do consumo impulsivo que geram o endividamento insustentável.

Já é conhecida na literatura que uma baixa educação financeira em uma determinada economia leva-se a um aumento no endividamento das famílias. Existem várias razões que levam as famílias a desenvolverem um nível de endividamento descontrolado. Quando as famílias possuem um bom nível de educação financeira, essas razões tendem a impactar em menor nível os efeitos negativos gerados nos orçamentos familiares. Em Serasa (2018) são apresentadas sete principais razões para o aumento do endividamento das famílias, são elas: aumento do desemprego, diminuição da renda média familiar, compras para terceiros, ausência da educação financeira, falta de controle nos gastos, atrasos de salários e enfermidades, onde no Brasil, o desemprego é a principal razão para o aumento da inadimplência.

No ano de 2023, o perfil de dívida no Brasil foi liderado por dívidas Bancos/Cartão de Crédito (27,92%), seguidos por Contas básicas como água, luz e gás (24,04%), Financeiras (16,85%) e Varejo (11,07%) (Serasa, 2023). O resultado desse perfil torna-se preocupante, dado que a maior parte das principais dívidas concentram-se em segmentos em que os juros praticados encontram-se em montantes bem acima da taxa básica de juros Selic, no caso os segmentos Bancos/Cartão de Crédito e Financeiras, totalizando 40,89% das principais dívidas. Em muitas situações os juros praticados por cartões de crédito e financeiras são considerados abusivos, tornando o processo de pagamento da dívida oneroso e demorado, diferentemente dos segmentos de Contas Básicas, como água, energia e gás onde os juros são pequenos e a dívida é negociada em parcelas sem juros.

Em relação a faixa etária de inadimplentes no Brasil, no ano de 2023, a maior parte se concentrou nas faixas de 41 a 60 anos (35,0%) e de 36 a 40 anos (34,2%) (Serasa, 2023). Esse comportamento é explicado pela maior estabilidade e remuneração no emprego na faixa de 40 a 60 anos, o que permite um maior nível de consumo de bens e serviços e conseqüentemente uma probabilidade maior de se contrair dívidas. Nessa faixa etária encontram-se também a maior parte dos chefes de famílias, mães ou pais que são os principais provedores financeiros da família, o que aumenta a quantidade de pagamentos de despesas relacionadas aos gastos dos entes pertencentes a família (filhos, netos, pais, etc), aumentando a possibilidade de inadimplência.

Os resultados da maior pesquisa mundial já realizada sobre educação financeira, intitulada “*Financial Literacy Around The World: Insights From The Standard & Poor’s Ratings Services*”

* Graduado em Economia pela Universidade de Fortaleza (Unifor).

Global Financial Literacy Survey”, apresentada em Klapper, Lusardi e Van Oudheusden (2015), mostram, para o ano de 2014, que as taxas de educação financeira possuem uma grande variação entre as principais economias avançadas e emergentes do mundo. Em média, 55% dos adultos nas principais economias avançadas são financeiramente educados, mas mesmo entre esses países, as taxas de educação financeira variam consideravelmente. Em contraste, nas principais economias emergentes – os chamados BRICS (Brasil, Federação Russa, Índia, China e África do Sul) – em média, 28% dos adultos são financeiramente educados. Disparidades existem entre esses países também, com taxas variando de 24% na Índia a 42% na África do Sul. O Brasil registrou 35%, ficando à frente da Índia e da China (28%), mas atrás da África do Sul e da Federação Russa (38%).

A aplicação da educação financeira torna-se relevante, não só de forma agregada, para um crescimento econômico sustentável de um país, mas principalmente, por ser um vetor de transformação do comportamento das famílias, dado que Wisniewski (2011) afirma que a ausência de saúde financeira acarreta em impactos sobre a qualidade de vida dos consumidores, haja vista que dívidas geram estresse, insônia, depressão, problemas familiares e outros desequilíbrios sociais, onde sobretudo a produtividade do trabalho é afetada, pois pessoas endividadas tendem a produzir menos. Além de reduzir a ansiedade relacionada a questões financeiras, a educação financeira permite que as famílias planejem e conquistem seus objetivos de longo prazo, como a aquisição de um imóvel, o pagamento de uma graduação em uma universidade privada renomada, uma viagem internacional ou um projeto empreendedor como a criação de uma empresa. Por fim, como proposição de política pública para a redução do endividamento das famílias no Brasil, o Ministério da Educação deveria ampliar a inclusão de disciplinas sobre educação financeira tanto na educação básica quanto na educação de ensino médio, nos sistemas de ensino público e privado.

PANORAMA INTERNACIONAL

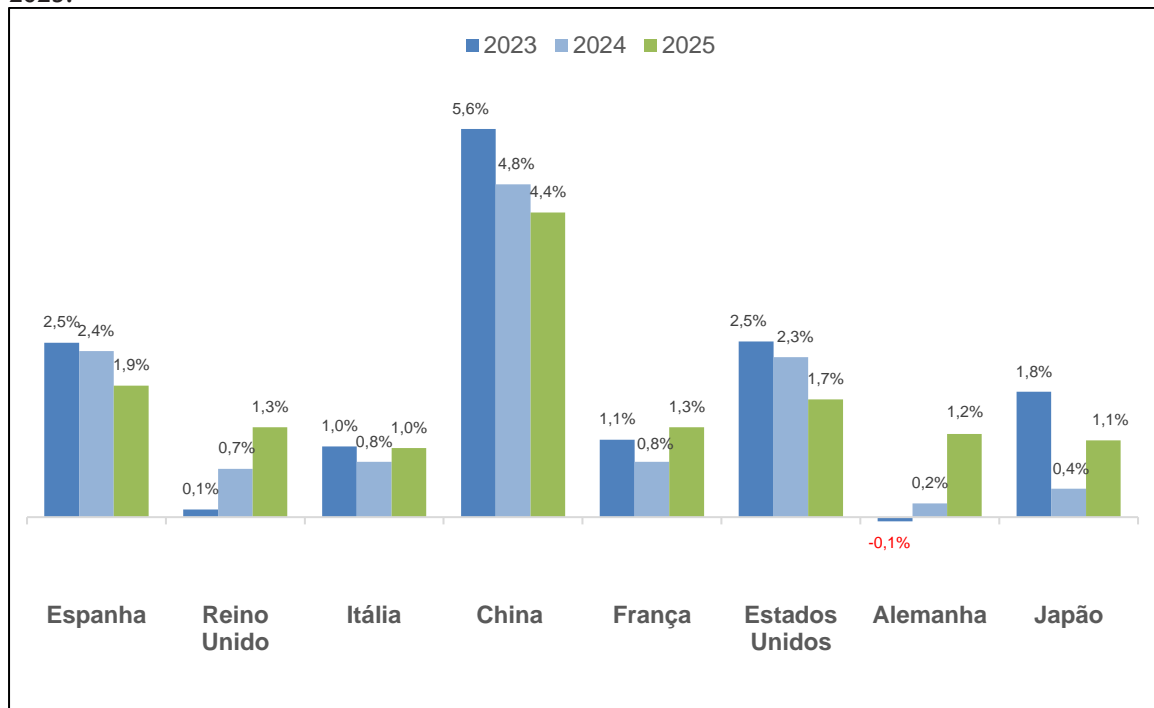
O desempenho econômico da China em 2023, apesar de dificuldades internas, foi superior ao de outras economias, refletindo sua posição como uma das principais potências globais e sua recuperação pós-pandemia. Embora as projeções indiquem uma desaceleração para 2024, o crescimento chinês deve continuar acima da média mundial, mantendo o país como um dos principais motores da economia global. Em 2025, espera-se uma nova desaceleração, refletindo uma possível maturação econômica. A China, apesar de manter seu papel de liderança no crescimento global, está em uma trajetória de desaceleração controlada, visando um crescimento mais sustentável em meio a desafios como a crise no setor imobiliário e a fraca demanda externa.

A Alemanha, por sua vez, foi a única grande economia a apresentar retração em 2023, refletindo problemas como interrupções nas cadeias de suprimentos e a queda na demanda por suas exportações. Para 2024, espera-se uma recuperação modesta, com crescimento positivo, mas lento, sugerindo que os desafios enfrentados pela economia alemã podem se prolongar.

Já a Espanha registrou um crescimento robusto em 2023, impulsionado principalmente pelos setores de turismo e serviços. Embora a expectativa seja de um leve arrefecimento em 2024 e 2025, a economia espanhola deverá continuar com um desempenho forte, o que sugere um crescimento sustentável no médio prazo.

No caso dos Estados Unidos, embora o PIB tenha crescido em 2023, as previsões indicam uma desaceleração para 2,3% em 2024 e 1,7% em 2025. Esse enfraquecimento econômico é atribuído, em grande parte, ao aperto monetário, com altas taxas de juros destinadas a controlar a inflação. Esse cenário afeta o consumo interno, levando a uma desaceleração do crescimento econômico.

Gráfico 1 - Crescimento anual (%) do Produto Interno Bruto (PIB) - Países selecionados - 2023 a 2025.



Fonte: Euromonitor/Macro Model Euromonitor Baseline - Atualizado em 19/08/2024.

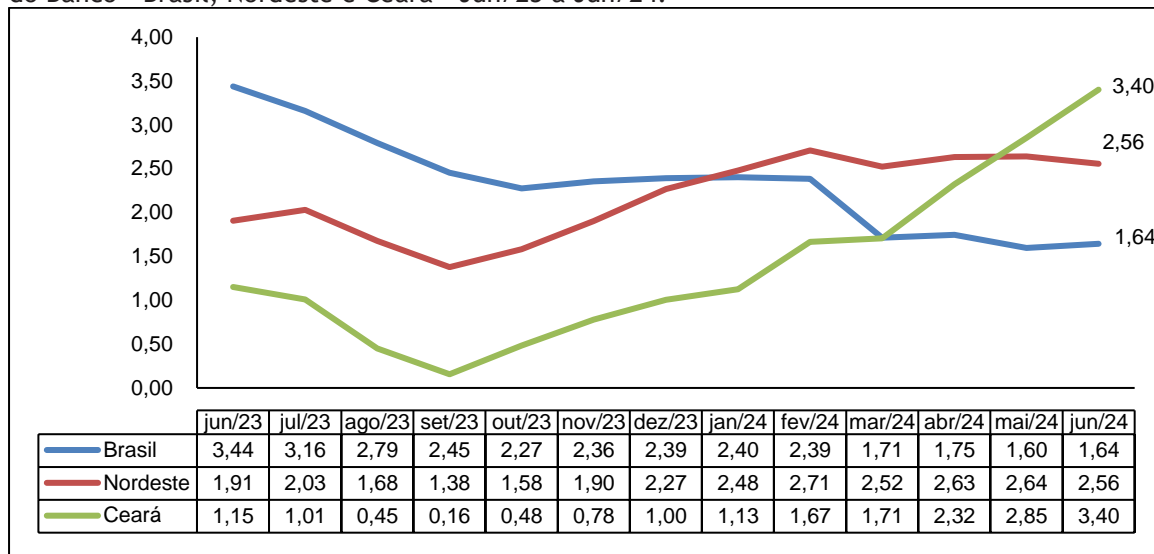
A ATIVIDADE ECONÔMICA E ANÁLISE SETORIAL

Em junho de 2024, o Brasil apresentou um crescimento acumulado de 1,64% nos últimos 12 meses, de acordo com o indicador de atividade econômica do Banco Central, indicando um cenário de expansão econômica moderada. A região Nordeste registrou um crescimento acumulado de 2,56% em junho de 2024, no acumulado dos últimos 12 meses. O Ceará se destacou positivamente, com um crescimento acumulado de 3,4% nos últimos 12 meses. É possível que o estado tenha se beneficiado de políticas de desenvolvimento regional ou de um desempenho favorável em setores específicos da economia.

É importante analisar esses dados em conjunto com outros indicadores econômicos, como inflação, desemprego e investimento, para se ter uma visão mais completa da conjuntura econômica em junho de 2024. A heterogeneidade do desempenho econômico entre as regiões destaca a importância de políticas públicas que levem em consideração as particularidades de cada área, buscando promover um desenvolvimento mais equilibrado em todo o país. O crescimento econômico do Brasil sugere que a economia está em processo de expansão, o que demanda atenção das autoridades para garantir a sustentabilidade do crescimento no longo prazo.

O crescimento mais forte no Ceará pode indicar um desempenho econômico regional mais robusto, impulsionado por setores específicos ou políticas locais. Investidores e empresas podem considerar o Ceará como um local atrativo para oportunidades de negócios, devido ao seu dinamismo econômico. As diferenças de crescimento entre as regiões podem demandar políticas públicas específicas para promover um desenvolvimento mais equilibrado em todo o país.

Gráfico 2 - Crescimento acumulado dos últimos 12 meses (%) do Índice de Atividade Econômica do Banco - Brasil, Nordeste e Ceará - Jun/23 a Jun/24.



Fonte: Banco Central do Brasil (BCB). Elaboração: NUPE/UNIFOR.

O Setor Agrícola

De acordo com dados recentes da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), a produção de grãos no Brasil atual registrou uma queda de 6,6% em relação à safra anterior, totalizando 298,6 milhões de toneladas. A produtividade também diminuiu 8,0%, enquanto a área cultivada cresceu 1,5%. Esse contraste pode ser explicado por fatores como o aumento das queimadas na Amazônia e no Cerrado, que impactam o clima e, conseqüentemente, o cultivo em várias regiões do país. Além disso, o aumento nos custos de insumos agrícolas, como fertilizantes e combustíveis, contribuiu para a queda na produtividade. Dessa forma, mesmo com a expansão da área cultivada, a combinação de fatores adversos levou à redução na produção total.

No Nordeste, o cenário é semelhante ao do Brasil, com uma queda de 5,1% na produção e de 6,4% na produtividade, apesar de um aumento de 1,3% na área de cultivo. A irregularidade das chuvas é um dos principais fatores que afetaram negativamente a região. O aumento da área cultivada pode indicar uma tentativa de compensar as perdas, mas os fatores climáticos adversos continuam a impactar o desempenho agrícola.

O estado do Ceará, por outro lado, se destaca positivamente. Em contraste com a tendência nacional e regional, o Ceará apresentou um aumento de 80,4% na produção agrícola, impulsionado por um crescimento de 1,8% na área cultivada e uma impressionante elevação de 77,2% na produtividade. Esse desempenho é atribuído, em grande parte, a condições climáticas favoráveis, como o aumento das chuvas nos últimos anos.

Conforme a nota divulgada pela Conab em agosto de 2024, enquanto a produção no Brasil e no Nordeste segue em queda (-6,6% e -5,1%, respectivamente), o Ceará demonstra resiliência, com sua produção beneficiada pelo clima. A agricultura brasileira, no entanto, enfrenta desafios generalizados, como o alto custo dos insumos, o clima irregular e a intensa competitividade internacional. Esses fatores reforçam a necessidade de adoção de novas tecnologias e métodos de produção mais eficientes.

Apesar dessas adversidades, as perspectivas para as safras de grãos, especialmente soja, milho e trigo, continuam robustas. A soja, em particular, segue como um dos principais motores da produção agrícola, com expectativas de crescimento nos próximos anos. A demanda internacional, especialmente dos países asiáticos, permanece forte, consolidando o papel do Brasil como um dos principais fornecedores globais de produtos agrícolas.

Tabela 1 – Comparativo de área, produtividade e produção de grãos - produtos selecionados (*) - safras 2022/23 e 2023/24 (**) - Brasil, Nordeste e Ceará.

REGIÃO/ UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 22/23	Safra 23/24	VAR. %	Safra 22/23	Safra 23/24	VAR. %	Safra 22/23	Safra 23/24	VAR. %
Ceará	954,4	971,5	1,8	487,6	864,0	77,2	465,4	839,4	80,4
Nordeste	9.528,5	9.656,2	1,3	3.114,1	2.914,8	-6,4	29.673,0	28.145,5	-5,1
Brasil	78.546,6	79.729,8	1,5	4.071,6	3.745,1	-8,0	319.811,7	298.597,8	-6,6

Fonte: Conab. Elaboração: NUPE/UNIFOR.

Nota: (*) Produtos selecionados: Carvão de algodão, amendoim (1ª e 2ª safras), arroz, aveia, canola, centeio, cevada, feijão (1ª, 2ª e 3ª safras), gergelim, girassol, mamona, milho (1ª, 2ª e 3ª safras), soja, sorgo, trigo e triticale;

(**) São estimativas geradas pelo Conab em agosto de 2024.

O Setor da Indústria

A Pesquisa Industrial Mensal - Produção Física (PIM-PF), realizada pelo IBGE, tem como objetivo medir a quantidade de bens produzidos, avaliando o crescimento do setor industrial no Brasil.

Em 2024, até junho, a indústria brasileira registrou um crescimento acumulado de 2,6% em comparação ao mesmo período de 2023, impulsionada especialmente pela indústria de transformação, que avançou 2,7%. Entre os setores de destaque, a fabricação de outros equipamentos de transporte cresceu 11,6%, enquanto a indústria extrativa teve alta de 2,2%. No entanto, alguns segmentos enfrentaram retração, como a fabricação de produtos farmoquímicos (-7%), produtos diversos (-5,4%), e a confecção de vestuário (-0,4%).

Na região Nordeste, o desempenho foi mais desafiador, com uma leve queda de 0,4% no acumulado do ano. A retração foi puxada principalmente pela indústria extrativa, que caiu 21,8%, e pela metalurgia, com queda de 14,2%. Apesar disso, a fabricação de produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos, cresceu 20,4%, e a confecção de vestuário aumentou 9,5%.

O Ceará destacou-se positivamente, com crescimento de 7,3%, superando tanto a média nacional quanto a do Nordeste. Os principais motores desse desempenho foram a fabricação de produtos de metal (+35,2%), a confecção de vestuário (+26,1%) e a produção de calçados (+26%). No entanto, o setor de produtos químicos teve uma queda expressiva de 42%.

No contexto geral, o primeiro semestre de 2024 foi marcado por avanços importantes em setores como equipamentos de informática (+8,4%) e produtos de madeira (+8,1%). Porém, o desempenho industrial variou entre regiões e segmentos, refletindo uma recuperação desigual. Enquanto setores estratégicos, como a produção de bens manufaturados, mostraram resiliência, outros, como a fabricação de máquinas elétricas (-10,5%) e produtos farmoquímicos, enfrentaram dificuldades.

Tabela 2 - Variação (%) do volume de produção da indústria geral e das atividades industriais-Brasil, Nordeste e Ceará - Acumulado no ano até junho de 2024 ⁽¹⁾.

Atividades de Indústria	Brasil	Nordeste	Ceará
Indústrias de transformação	2,7	0,6	7,3
Produtos alimentícios	4,8	1,4	1,8
Bebidas	4,1	7,1	10,3
Produtos do fumo	-0,8	-	-
Produtos têxteis	2,6	1,4	14,8
Confecção de artigos do vestuário e acessórios	-0,4	9,5	26,1
Preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos para viagem e calçados	2,6	4,4	26,0
Produtos de madeira	8,1	-	-
Celulose, papel e produtos de papel	4,9	8,1	-
Impressão e reprodução de gravações	-0,9	-	-
Coque, de produtos derivados do petróleo e de biocombustíveis	3,0	-2,6	-1,9
Outros produtos químicos	0,1	-2,5	-42,0
Produtos farmoquímicos e farmacêuticos	-7,0	-	-
Produtos de borracha e de material plástico	3,9	7,1	-
Produtos de minerais não-metálicos	2,1	1,4	1,9
Metalurgia	-0,7	-14,2	10,8
Produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos	1,3	20,4	35,2
Equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos	8,4	-	-
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos	10,0	-5,6	-10,5
Máquinas e equipamentos	-2,0	-	-
Veículos automotores, reboques e carrocerias	5,2	1,3	-
Outros equipamentos de transporte, exceto veículos automotores	11,6	-	-
Móveis	6,2	-	-
Produtos diversos	-5,4	-	-
Manutenção, reparação e instalação de máquinas e equipamentos	-3,9	-	-
Indústrias extrativas	2,2	-21,8	-
Indústria geral	2,6	-0,4	7,3

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria. Elaboração: NUPE/UNIFOR.

Nota (1): Variação acumulada de janeiro/2024 a junho/2024 (Base: igual período do ano anterior).

O Setor de Serviços

De acordo com a Pesquisa Mensal de Serviços (PMS), divulgada para o mês de junho de 2024, o índice total de volume de serviços apresentou crescimento de 0,5% no Ceará, no comparativo do acumulado do ano de 2024 até junho, com o mesmo período de 2023. Pernambuco e Bahia também apresentaram crescimento de 3,5% e 0,8%, respectivamente.

No âmbito nacional, o resultado total foi de 1,6%, com aumento de 4,6% nos serviços prestados às famílias. A maior queda no volume nacional pertence à Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio, que diminuiu 2,5%, tendo como principal destaque negativo a subatividade Transporte aéreo.

Os estados de Pernambuco, Ceará e Bahia apresentaram bons resultados nos serviços prestados às famílias, com crescimentos de 7,7%, 5,7% e 11%, respectivamente. Por outro lado, na categoria de Outros Serviços, os Estados apresentaram quedas de 7,2%, 5,9% e 4%, respectivamente. Esses serviços incluem atividades como esgoto, gestão de resíduos, serviços financeiros auxiliares, atividades imobiliárias, entre outras.

Tabela 3 – Variação (%) do volume de serviços, atividades e subatividades - Brasil e Estados selecionados - Acumulado no ano até junho de 2024⁽¹⁾.

Atividades e Subatividades *	Brasil	Ceará	Pernambuco	Bahia
Serviços prestados às famílias	4,6	5,7	7,7	11,0
Serviços de alojamento e alimentação	4,8	-	-	-
Alojamento	2,6	-	-	-
Alimentação	5,4	-	-	-
Outros serviços prestados às famílias	3,6	-	-	-
Serviços de informação e comunicação	5,6	4,5	11,9	-0,8
Serviços de Tecnologia de Informação e Comunicação (TIC)	6,0	-	-	-
Telecomunicações	5,2	-	-	-
Serviços de Tecnologia da Informação	6,8	-	-	-
Serviços audiovisuais, de edição e agências de notícias	2,9	-	-	-
Serviços profissionais administrativos e complementares	2,1	-0,2	7,6	1,6
Serviços técnico-profissionais	6,7	-	-	-
Serviços administrativos e complementares	-0,7	-	-	-
Aluguéis não imobiliários	4,2	-	-	-
Serviços de apoio às atividades empresariais	-2,3	-	-	-
Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio	-2,5	-2,0	-2,0	-1,3
Transporte terrestre	-1,6	-	-	-
Rodoviário de cargas	-2,8	-	-	-
Rodoviário de passageiros	-1,2	-	-	-
Outros segmentos do transporte terrestre	2,7	-	-	-
Transporte aquaviário	2,2	-	-	-
Transporte aéreo	-4,8	-	-	-
Armazenagem, serviços auxiliares aos transportes e correio	-4,4	-	-	-
Outros serviços	3,8	-4,0	-7,2	-5,9
Esgoto, gestão de resíduos, recuperação de materiais e descontaminação	2,6	-	-	-
Atividades auxiliares dos serviços financeiros	4,7	-	-	-
Atividades imobiliárias	2,3	-	-	-
Outros serviços não especificados anteriormente	-0,1	-	-	-
Total	1,6	0,5	3,5	0,8

Fonte: IBGE. Elaboração: NUPE/UNIFOR.

Nota (1): Variação acumulada de janeiro/2024 a junho/2024 (Base: igual período do ano anterior).

Nota (2): O IBGE não divulga as variações do volume de serviços para as subatividades estaduais.

É importante ressaltar que o setor de Serviços tem demonstrado uma recuperação robusta após o forte impacto da pandemia. No entanto, vale destacar a acentuada queda nos serviços de transportes aéreos em todo o país. O que é refletido pelos resultados ruins das empresas do setor, incluindo um pedido de Recuperação Judicial nos Estados Unidos pela Gol Linhas Aéreas, além de notícias de uma suposta fusão entre Azul e Gol. Além disso, em março houve elevação no preço das passagens aéreas, tendo como um dos fatores o custo elevado do querosene de aviação (QAV), que continua impactando os valores das tarifas, e consequentemente na demanda reduzida por viagens aéreas.

A Atividade do Comércio

O comércio varejista brasileiro encerrou o primeiro semestre de 2024 com uma variação acumulada positiva de 5,2%, conforme dados da Pesquisa Mensal do Comércio (PMC) do IBGE. As vendas de "Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos" apresentaram o maior crescimento no cenário nacional, com 14,0%. Outro destaque foi a categoria "Outros artigos de uso pessoal e doméstico", com um aumento de 7,7%. Por outro lado, as vendas de "Livros, jornais, revistas e papelaria" registraram uma queda de 7,6%. No comércio varejista ampliado, o destaque foi para o setor de "Veículos, motocicletas, partes e peças", que cresceu 12,2%.

Tabela 4 - Variação (%) do volume de vendas do comércio e atividades - Brasil e Estados selecionados - Acumulado no ano até junho de 2024⁽¹⁾.

Comércio e atividades	Brasil	Ceará	Pernambuco	Bahia
Comércio varejista	5,2	9,2	4,8	9,1
Combustíveis e lubrificantes	-1,9	12,9	0,5	2,2
Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo	6,0	7,0	5,7	11,9
Hipermercados e supermercados	6,6	7,7	7,5	12,9
Tecidos, vestuário e calçados	-0,4	2,8	-9,5	0,0
Móveis e eletrodomésticos	2,5	6,6	6,9	7,3
Móveis	4,1	12,6	-1,7	9,4
Eletrodomésticos	2,3	5,6	9,8	5,8
Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos	14,0	18,9	9,1	13,8
Livros, jornais, revistas e papelaria	-7,6	0,2	2,8	-26,2
Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação	3,0	-11,6	-10,7	13,1
Outros artigos de uso pessoal e doméstico	7,7	16,9	8,3	14,0
Comércio varejista ampliado	4,3	7,6	7,5	8,0
Veículos, motocicletas, partes e peças	12,2	2,9	24,3	12,1
Material de construção	2,0	9,2	0,3	21,3
Atacado especializado em produtos alimentícios, bebidas e fumo	-6,5	5,8	-0,1	-3,9

Fonte: IBGE. Elaboração: NUPE/UNIFOR.

Nota: (1) Variação acumulada de janeiro/2024 a junho/2024 (Base: igual período do ano anterior).

Entre os estados, o Ceará teve um crescimento de 9,2% no volume de vendas, superior à média nacional, seguido pela Bahia (9,1%) e Pernambuco (4,8%). No Ceará, as maiores variações positivas ocorreram nas vendas de "Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos" (+18,9%), "Outros artigos de uso pessoal e doméstico" (+16,9%) e "Combustíveis e Lubrificantes" (+12,9%). Em contraste com a tendência nacional, as vendas de "Livros, jornais, revistas e papelaria" no Ceará tiveram um leve aumento (+0,2%), enquanto "Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação" registraram queda (-11,6%).

Em Pernambuco, as maiores altas foram observadas nos setores de "Eletrodomésticos" (+9,8%) e "Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos" (+9,1%), enquanto "Equipamentos e materiais para escritório" caíram 10,7% e "Tecidos, vestuário e calçados" retraíram 9,5%. No comércio varejista ampliado, o estado registrou um forte crescimento nas vendas de

"Veículos, motocicletas, partes e peças" (+24,3%), mas uma queda no atacado de produtos alimentícios, bebidas e fumo (-0,1%).

Na Bahia, "Outros artigos de uso pessoal e doméstico" (+14,0%) e "Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos" (+13,8%) foram os destaques de crescimento. No entanto, "Livros, jornais, revistas e papelaria" tiveram uma queda expressiva de 26,2%. No comércio varejista ampliado, o estado registrou um aumento de 8,0% no acumulado do ano, apesar da queda no atacado de alimentos, bebidas e fumo (-3,9%).

O MERCADO DE TRABALHO NO BRASIL, NORDESTE E CEARÁ

Os dados da tabela 5 a seguir referem-se ao Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), abrangendo o período de julho de 2023 a julho de 2024. As duas últimas linhas da tabela apresentam, respectivamente, a soma acumulada dos últimos 12 meses e o acumulado do ano. Esses dados são referentes ao Brasil, Nordeste e Ceará, e estão descritos nas categorias "Admissão", "Desligamento", "Saldo" (diferença) e sua variação percentual em relação ao estoque do mês anterior, com valores em milhões.

Tabela 5 - Evolução mensal de admissões, desligamentos e saldo - Brasil, Nordeste e Ceará (mil pessoas) - julho/2023 a julho/2024 ⁽¹⁾.

Período	Brasil				Nordeste				Ceará			
	Adm.	Deslig.	Sald.	Var.%(²)	Adm.	Deslig.	Sald.	Var.%	Adm.	Deslig.	Sald.	Var.%
jul-23	1.903,7	1.761,6	142,1	0,32	264,4	232,9	31,6	0,42	48,2	42,3	5,9	0,45
ago-23	2.117,4	1.897,7	219,6	0,49	309,5	245,5	64,0	0,86	54,7	44,0	10,7	0,81
set-23	1.941,1	1.736,4	204,7	0,45	298,3	224,5	73,8	0,98	51,0	41,0	10,0	0,75
out-23	1.962,8	1.775,5	187,3	0,41	266,4	229,9	36,5	0,48	48,5	42,5	6,0	0,44
nov-23	1.881,0	1.759,1	121,9	0,27	259,8	229,8	30,0	0,39	45,5	41,7	3,8	0,28
dez-23	1.513,7	1.962,8	-449,1	-0,98	202,0	245,8	-43,9	-0,57	35,3	39,4	-4,1	-0,30
jan-24	2.103,3	1.935,3	168,0	0,37	272,9	263,3	9,6	0,13	49,2	47,9	1,4	0,10
fev-24	2.272,0	1.965,8	306,2	0,67	276,5	264,3	12,3	0,16	48,7	45,3	3,4	0,25
mar-24	2.281,8	2.037,1	244,7	0,53	293,8	277,3	16,5	0,22	49,5	43,4	6,2	0,46
abr-24	2.278,0	2.038,2	239,8	0,52	292,7	268,5	24,1	0,32	50,9	45,3	5,6	0,41
mai-24	2.137,0	1.997,5	139,5	0,30	289,3	255,2	34,1	0,44	52,8	45,6	7,2	0,52
jun-24	2.085,7	1.879,8	205,9	0,44	286,1	237,6	48,5	0,63	53,3	45,7	7,7	0,56
jul-24	2.187,6	1.999,6	188,0	0,40	300,6	261,3	39,3	0,51	54,9	51,4	3,5	0,25
Acum. do Ano	15.345,5	13.853,3	1.492,2	3,28	2.011,9	1.827,5	184,5	2,42	359,5	324,5	35,0	2,59
Acum. dos últimos 12 meses	24.761,4	22.984,7	1.776,7	3,93	3.348,0	3.003,0	345,0	4,63	594,3	533,0	61,3	4,62

Fonte: Novo Caged - SEPRT/ME (2024). Elaboração: NUPE/UNIFOR.

Notas: (1) Dados do Novo Caged com ajuste para 2023 e 2024. (2) A variação mensal do emprego toma como referência o estoque do mês anterior, sem ajustes.

Entre agosto de 2023 e julho de 2024, o Brasil criou 1,776 milhão de empregos formais, com destaque para o Nordeste (345 mil) e Ceará (61,3 mil). O Ceará registrou o maior crescimento percentual no acumulado do ano (2,59%), impulsionado pela expansão contínua do mercado de trabalho local.

Ainda ao observar os dados gerais, o menor saldo de todos os grupos ocorreu em dezembro de 2023. O Brasil registrou uma queda de -449,1 mil, o Nordeste teve um saldo negativo de -43,9 mil, enquanto o Ceará apresentou uma queda mais moderada de -4,1 mil, o que representou uma variação de -0,3%. Essas oscilações indicam um efeito sazonal entre outubro e dezembro, quando há um aumento nas admissões em novembro, seguido por uma queda em dezembro. Esse movimento reflete a contratação de empregos temporários para as festas de fim de ano, com as demissões ocorrendo logo em seguida.

Por outro lado, os maiores saldos foram registrados no Brasil em fevereiro de 2024, com um acréscimo de 306,2 mil vagas (aumento de 0,67%). No Nordeste, o maior saldo ocorreu em setembro de 2023, com 73,8 mil vagas (alta de 0,98%), enquanto no Ceará o destaque foi em agosto de 2023, com 10,7 mil vagas (crescimento de 0,81%). Nessas variações, o Nordeste se destacou proporcionalmente, superando os números nacionais, com o Ceará logo em seguida, também com um desempenho positivo.

O COMÉRCIO EXTERIOR NO BRASIL, NORDESTE E CEARÁ

Em relação ao comércio exterior do Brasil, as exportações no mês de julho de 2024 apresentaram um crescimento de 9,2% em relação ao mesmo mês no ano anterior, resultando em US\$ 30.890,3 milhões. No acumulado do ano, até julho, as exportações atingiram um total de US\$ 197.925,1 milhões, valor 2,3% maior do que o registrado no acumulado dos 7 primeiros meses de 2023. Já as importações totalizaram US\$ 23.281,7 milhões em julho de 2024, com aumento de 15,7%, o que mostra um crescimento expressivo nas compras externas. No acumulado do ano, as importações chegaram a US\$ 148.674,3 milhões, o que representa um crescimento de 5,6% em relação ao mesmo período de 2023. O saldo, que mede a diferença entre exportações e importações, registrou um superávit de US\$ 7.608,7 milhões em julho de 2024, porém houve uma redução de -7,0%, indicando que o crescimento das importações foi superior ao das exportações no comparativo com julho de 2023. Além disso, a corrente comercial, que resulta da soma das exportações e importações, teve crescimento de 11,9% no mês de julho, no mesmo comparativo, alcançando US\$ 54.172,0 milhões. No acumulado de janeiro a julho de 2024, a corrente de comércio totalizou US\$ 346.599,4 milhões, alta de 3,7%, o que indica um crescimento moderado.

Tabela 6 - Volume de exportações, importações, saldo e corrente da balança comercial (R\$ milhões) - Brasil, Nordeste e Ceará ⁽¹⁾.

País, Região e Estado	Exportações		Importações		Saldo		Corrente Comercial	
	US\$ Milhões	Var.%	US\$ Milhões	Var.%	US\$ Milhões	Var.%	US\$ Milhões	Var.%
Brasil								
Julho de 2024	30.890,3	9,2	23.281,7	15,7	7.608,7	-7,0	54.172,0	11,9
Acumulado do Ano	197.925,1	2,3	148.674,3	5,6	49.250,8	-6,7	346.599,4	3,7
Acumulado 12 meses	344.093,5	3,1	248.735,6	-4,0	95.357,9	27,6	592.829,1	0,0
Nordeste								
Julho de 2024	2.631,0	24,1	2.393,5	10,2	237,5	570,9	5.024,5	17,1
Acumulado do Ano	14.121,1	1,1	16.270,2	1,5	-2.149,2	0,5	30.391,3	-11,2
Acumulado 12 meses	25.051,2	-1,0	27.340,0	-8,4	-2.288,8	49,6	52.391,2	-5,0
Ceará								
Julho de 2024	441,4	195,0	236,6	-17,6	204,8	248,8	677,9	55,2
Acumulado do Ano	1.030,1	-13,3	1.690,8	-11,7	-660,7	9,2	2.720,8	-12,3
Acumulado 12 meses	1.876,4	-3,9	2.936,2	-18,7	-1.059,8	36,1	4.812,7	-13,5

Fonte: MDIC/SECEX. Elaboração: NUPE/UNIFOR.

Nota: (1) A variação do acumulado do Ano de janeiro/2024 a julho/2024 é em comparação com o mesmo período do ano anterior, enquanto a variação do acumulado 12 meses também refere-se a mesma base de comparação.

Na análise do comércio exterior do Nordeste, as exportações no mês de julho de 2024 apresentaram um forte crescimento de 24,1%, em relação ao mesmo mês do ano anterior, com resultado de US\$ 2.631,0 milhões. No acumulado do ano, até julho, as exportações tiveram um crescimento modesto de 1,1% em relação ao mesmo período de 2023, totalizando US\$ 14.121,1 milhões. Por outro lado, as importações chegaram a US\$ 2.393,5, alta de 10,2% no mês de julho de

2024, em relação ao resultado do sétimo mês de 2023. No acumulado do ano, as importações apresentaram uma alta de 1,5% em relação ao período passado, totalizando US\$ 16.270,2 milhões, de janeiro a julho de 2024. Tal cenário resultou em um déficit de aproximadamente US\$ 2.149,2 milhões, no saldo da balança comercial nordestina no acumulado do ano de 2024.

No comércio exterior do Ceará, as exportações em julho de 2024 apresentaram um expressivo crescimento de 195,0% em relação ao mesmo período do ano anterior, totalizando US\$ 441,4 milhões no mês. No acumulado de janeiro a julho de 2024, as exportações registraram uma queda de 13,3% em relação a esse período de 2023, somando um total de US\$1.030,1 milhões. Em relação às importações, o Ceará também experimentou uma queda em julho de 2024, com uma redução de 17,6% em comparação ao mesmo período do ano anterior, totalizando US\$236,6 milhões. No acumulado do ano, de janeiro a julho, as importações somaram US\$ 1.690,8 milhões, representando uma queda de 11,7% em relação ao mesmo período do ano anterior. Quanto ao saldo da balança comercial cearense, registrou variações positivas significantes em relação aos períodos comparados do ano de 2023, em julho, foi um superávit de US\$204,8 milhões, aumento de 248,8%, e no acumulado de janeiro a julho, déficit de US\$ 660,7 milhões, com alta de 9,2%.

Autores:

Alice Carolina Macedo
Beatriz Teles Ferreira
Daniel Bandeira de Melo Almeida
Diego Cavalcanti de Oliveira
Felipe Guerreiro Melo
Francisco Arruda Aguiar Filho
Gustavo Henrique Melo Moreira
Júlia de Albuquerque Cabral
Kalil Lucena Karbage
Laura Castro Goulart de Aquino
Leonardo Gibson Do Nascimento
Lucas Leonardo Bezerra da Silva
Maria Cecília Pinheiro Guerra Ramos
Nathanael Vasconcelos Saldanha
Nelson Bernardino dos Santos Junior
Paulo Ricardo Holanda Feitosa
Pedro Parente Pinheiro
Rosângela de Sousa Cardoso
Thais Castelo Branco
Vinicius Lima de Farias Rissi
William Raphael Lima Costa



REFERÊNCIAS:

KLAPPER, L.; LUSARDI, A.; VAN OUDHEUSDEN, P. **Financial literacy around the world: insights from the standard & poor's ratings services global financial literacy survey**. Washington DC, 2015.

SERASA. **Conheça as 7 principais causas de inadimplência no Brasil hoje**. Disponível em: <<https://www.serasaexperian.com.br/conteudos/estudos-e-pesquisas/conheca-as-7-principais-causas-de-inadimplencia-no-brasil-hoje/>> 2018.

SERASA. **Mapa da Inadimplência e renegociação de dívidas (Dezembro de 2023)**. Disponível em: <<https://www.serasa.com.br/limpa-nome-online/blog/mapa-da-inadimplencia-e-renogociacao-de-dividas-no-brasil/>> Acesso em 16/04/2024.

WISNIEWSKI M. L. G. **A importância da educação financeira na gestão das finanças pessoais: uma ênfase na popularização do mercado de capitais brasileiro**. Revista Intersaberes, Curitiba, a.6, n.12, p. 155-172, 2011.